



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaivato

Quinzenário • 14 de Junho de 2014 • Ano LXXI • N.º 1833 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Modelo de Caridade

SABER ler a vida pelo seu avesso é um dom raro, mas muito importante para que a vida se aperfeiçoe.

Pai Américo tinha esse dom que, como o mesmo significa, lhe foi dado. Ele mesmo dizia que não sabia se era dos óculos, mas via tudo ao contrário.

Normalmente o que o homem trabalha e onde aplica a maior ciência, está escondido. Até um simples trabalho de costura é feito pelo lado avesso, aparecendo a uso virado ao contrário.

Talvez que a própria obra da Criação esteja também assim feita, escondendo o mais valioso por detrás da nuvem que tolhe a nossa capacidade de ver e compreender.

Este dom, que distingue um indivíduo da vulgaridade, faz dele um Modelo para os outros. Ser Modelo é específico de um, para muitos ou para todos. Quem conhece a vida de Pai Américo, sabe que ele é modelo no que é distinto na sua vida: A Caridade. As iniciais do seu nome, como descobriu D. Gabriel de Sousa, seu primeiro Postulador da Causa de Beatificação, traziam já escondidamente o sentido da sua vida: AMA. Ora o amor é a Caridade.

Porque é difícil entregar a vida por amor, a generalidade acaba por desvalorizar este modo fundamental de viver. Como consequência, por incapacidade ou inaptidão, desvaloriza-se a Caridade que, sendo a maior das virtudes, se vê assim reduzida à menor de todas e à menos interessante.

Este fraco discernimento traduz, na prática, a incapacidade de não se ser capaz de ler a vida pelo seu avesso, olhando-a do lado do direito, que é aquele em que nos encontramos.

O olhar de Pai Américo penetrava a realidade, furando a nuvem que cega o olhar do comum dos mortais. Por isso e ao contrário destes, era capaz de amar, preferencialmente os mais carentes e desprezados, abrindo-lhes caminhos de confiança e esperança.



Somos, normalmente, levados a crer somente no que vemos e por aqui nos ficamos. Esta é a causa principal da nossa cegueira e ignorância. E, na linha do que diz o ditado, tornamo-nos muito atrevidos e convencidos, cada vez mais renitentes e impedidos de ver mais e melhor.

Acreditar, vendo, é vulgar, mas por aqui não se alcança o dinamismo que transforma a vida. Acreditar, sem ver, tal como Jesus Cristo disse a Tomé, é o caminho certo de crescimento e de felicidade.

Pai Américo acreditou. Por isso, os montes caminharam à sua frente, desfazendo-se em estradas planas a seus pés. Porque acreditou, a sua vida transformou a realidade no seu tempo e ficou como Modelo de Caridade para os nossos dias. □

uma ave com raízes, palhas, musgos e penas. Com tal beleza, os olhos da criança em redor não queriam outra atracção, naquela ocasião. As avezinhas não as viu; vimos nós o seu ninho, que deixara, e de tantos com que nos vamos confrontando e encontrando, como a mãe de um João: — *Preciso falar, não tenho a quem recorrer...* E outra, de menino ao colo: — *Marido me abandonou, depois conto tudo...*

Há muitas mágoas que se escutam e nunca se podem dizer, mas chorar por dentro. É preciso dar certezas, neste tempo, de que a esperança não acaba quando os céus se fecham nos momentos mais duros da vida humana. O tal rapazito deixou, por extrema necessidade, prados verdejantes e rebanhos numerosos. Acontece que, no seu crescimento, desde o Outono nos deu dois desgostos... Quem é o filho ou a filha que nunca os deu aos seus pais?

Continua na página 4

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

A carta de alguém a partilhar comigo as aflições dos pobres, incitou-me a ir junto de uma família, com seis filhos, a quem a Câmara arrendara um primeiro andar na Rua do Antigo Olival.

As mulheres são sempre as primeiras a buscar soluções. Destemidas e determinadas, normalmente, são elas que vão à frente. Não admira que assim tenha sido também, em primeira mão, com o Ressuscitado.

Magrinha, com ar humilde e uma menina agarrada ao peito, vem descrever-me o modo como habita com a sua família: — *Olhe que não temos nada.*

Com a promessa de que eu iria visitá-la, levou um avio e foi confiante.

O bairro tem vindo muitas vezes nos *media* com a classificação de problemático, pela ocorrência de várias tragédias e alberga, no seu centro, uma forte esquadra da polícia.

Grupos numerosos de gente válida, sentados e de pé, entretêm-se em conversas e jogos, a horas de trabalho, numa ociosidade doentia e demolidora.

Chegado à rua indicada, estaciono discretamente o carro, para não ser visto, junto do prédio nº 5 e pergunto a uma passante, se estava na rua tal.

— *É, sim senhor! Você é que é o padre?*

— *Eu sou padre.*

Logo outra, com duas crianças coladas a ela, me pergunta quem eu procuro.

— *É o B22.*

— *Então, venha que eu já lhe indico.*

E subi à minha frente, com as crianças, a escadas de cimento esburacado, com sinais de testas ferrugentas, de sumidas cantoneiras apodrecidas.

Quem planeou estes prédios nunca se apercebeu das dificuldades do convívio social dos futuros habitantes. Teorias e mais teorias e... depois... a realidade apresenta aberrações insensatas. Para quê os vãos enormes das escadas ao ar livre — para que os incultos façam destes o vazador de todo o lixo que os incomoda? Sim. É para oferecerem às pessoas, que sobem e descem as carcomidas escadas, um espectáculo de sujidade degradante.

No projecto, aos olhos do autor, inexperiente da vida dos pobres, tudo teria parecido agradável, original e construtivo. Mas, na prática, transformou-se numa cavidade repugnante.

Enquanto com dificuldade galgava os degraus a desfazerem-se, ouvia as recomendações insistentes de quem me guiava:

— *Cuidado! Não caia! As escadas são traiçoeiras. Já muita gente aqui caiu e se aleijou.*

Saboreava o cuidado dos pobres, sentia retinir no meu íntimo um doce indescritível: *«Você é que é o padre!»*

Ai, que se os padres experimentassem estas alegrias sublimes, haviam de passar mais tempo com os pobres, fugiriam dos passeios ao estrangeiro e até das peregrinações aos Santuários externos do País e encontrariam alimento suficiente nas suas paróquias.

Cheguei ao B22 através de uma comprida varanda, que dá acesso a vários apartamentos.

A porta estava aberta e ninguém em casa. Chamei pela Alícia, mas nem uma voz se ouviu. Entrei e, à vontade, examinei toda a casa.

A um canto, logo à direita, no chão da sala, uns cobertores enrolados nalguma roupa. O piso não tinha um único taco. Na cozinha contígua à sala, o chão apresentava-se esburacado e as paredes também. Duas casas de banho meio destruídas, com loiças partidas, nem uma única torneira.

Continua na página 4

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

A queda de um ninho

NÃO vos deixarei órfãos — prometeu-nos Jesus. Isto da Ascensão, no mistério pascal, é mesmo uma questão de fé na promessa do Senhor. Tem uma pertinência tão grande, em todos os tempos, que somos chamados a responder: *porque estais a olhar para o céu?* É verdade, depois de Se elevar à vista dos Seus amigos, escondeu-Se a seus olhos. O nosso Deus, na verdade, é *escondido* e presente no meio de nós, deixando-nos numa aparente contradição e grande provocação.

No primeiro dia da semana, bem queríamos soletrar algumas palavras a filhos de vários ninhos desfeitos, que tivemos entretanto de aterrar

para lá chegar. Por coincidência, nas vésperas chegou-nos à vista um ninho caído. Assim, as coisas do discurso descomplicaram-se. Por estes dias, de facto, ao cair da tarde um rapazito apareceu-nos em casa estafado da caminhada, de saca a tiracolo e com um belo ninho, qual tesouro nas mãos, para nos confiar com limpidez. Aceitámos de bom grado o precioso abrigo e ficámos a contemplá-los: o Luís e o ninho.

Não se tratava de nenhuma troca, mas de olhares. Sim, de uma preocupação evidente que o cativou. Vinha de regresso ao seu abrigo familiar e eis que encontrou, caída à beira do caminho, uma pequena construção feita por

Pelas CASAS DO GAIATO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

O nosso encontro anual realizar-se-á no dia 29 de Junho.

Lembramos que é ano de passagem de testemunho dos Órgãos Sociais, pelo que segue convocatória anexa para a respectiva Assembleia Geral. Como é evidente, para a nossa Associação continuar é necessário que se elejam os respectivos Órgãos Sociais. Seria muito vantajoso e conveniente que aparecessem caras e ideias novas em equipas renovadas.

O programa do encontro é o seguinte:

09h00 – Recepção e pagamento de quotas;

10h00 – Missa/Eucaristia;

11h00 – Assembleia Geral;

13h00 – Almoço;

15h00 – Assembleia Geral (continuação), se necessário, ou tempo livre para convívio e desporto;

17h00 – Lanche, seguido do arrumo do espaço e respectivas despedidas.

O almoço constará de uma refeição quente, fornecido pela Casa do Gaiato e pela Associação.

O lanche será **partilhado**, como de costume, com o que cada um dos sócios/acompanhantes quiser trazer, pelo que apelamos aos dotes culinários/pasteleiros e à generosidade de todos. Lembramos que habitualmente escasseiam os salgados e abundam os doces, pelo que seria vantajoso reforçar os primeiros.

Como a solidariedade é um dos nossos objectivos, sejamos colaboradores em todas as actividades. Partilhemos os transportes com os que têm maiores dificuldades e vivam próximos de nós. Empenhem-nos na formação de novas equipas. □

LAR DO PORTO

Maria Adelaide e José Alves

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «*De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé? Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano e um de vós lhe disser “Ide em paz, tratai de vos aquecer e de matar a fome”, mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta.*

Mais ainda: poderá alguém alegar sensatamente: “Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me então a tua fé sem obras; que eu, pelas minhas obras, te mostrarei a minha fé”. Tu crês que há um só Deus? Fazes bem. Também o crêem os demónios, mas enchem-se de terror.» Tiago 2, 14-19.

Os caixotes do lixo, junto das superfícies alimentares, continuam a ser procurados por quem tem necessidade. De aspecto arejado e limpo, um homem com cerca de 50 anos remexia no lixo. Aconselhei-o a não o fazer, por causa da sua saúde.

Parou, olhou fixamente e foi falando na sua situação: mulher doente, três filhos menores e ele desempregado há três meses.

Se não fosse a mulher e os filhos, já tinha acabado com a sua vida, «nunca pensei chegar a esta situação».

Entrei no supermercado e disse para esperar por mim. Quando voltei com o saco na mão, já lá não estava. Interoguei-me. Porque não esperou pela ajuda que me viu comprar? Será que me viu como mais um que entra por uma porta e sai por outra ou, como ele diz, as pessoas falam muito bem, mas nada dão?

Uma maneira de atenuar a pobreza encoberta, é fazer junto de cada paróquia um levantamento da pobreza, com humildade, e não fazer o levantamento com cálculos que nem sempre correspondem à realidade.

Vou dar notícia daqueles que o Senhor pôs no nosso caminho: A mãe dos 7 filhos, como sempre aflita por pagar as suas dívidas. Os nossos Amigos, todos juntos, ajudaram a pagar parte delas — e a maior é a da água e da electricidade. Agora, o pai está com fundo de desemprego a acabar e a segurança social ainda não lhe repôs o rendimento mínimo. Não sei como ela vai conseguir levar a vida com tantas bocas à espera de comer — já não falo nas outras necessidade que ela tem.

A mãe dos 4 filhos e 3 netos, os filhos mais novos andam bem na Escola — também não pode ser tudo mal, a terem assim uma mãe doente da cabeça. Os netos foram tirados à mãe e só voltam para casa quando os pais arranjam emprego — que está muito difícil — mas os meninos, neste momento, estão muito bem tratados, além da mãe lhe custar a separação, o que é normal, uma mãe não se sentir bem sem os seus filhos.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — D. Helena, de Lisboa, 400€. Eng. Roberto Monteiro, 50€. Fiães, 100€. Geada, 30€. D. Carmina Moreira, 100€. D. Inês Gonçalves, 70€. Fernando, 50€. D. Teresa Maria, 30€.

Agradecemos as ofertas mais as palavras carinhosas que nos mandaram. Estamos certos que o Senhor não nos vai deixar de termos sempre Amigos e outros, que neste momento bem estamos a precisar. □

Vivendo o passado

Sempre que o «Famoso» chega, vivo e actualizo um passado. Sento à mesa depois de um dia de muito trabalho mas... sempre passo os olhos pelo «Famoso», antes. As crónicas dos padres Manuel António, José Maria, Acílio (do meu tempo) e dos outros me fazem muito bem. Não posso esquecer o Alberto de Almeida (Resende), colegas de quarto no Porto, com seu informativo de Paço de Sousa. Mas, o que me levou a escrever-lhes foi o querido Manuel Pinto, quando nos informa o passamento do Vasco de Carvalho (Capitão) e do Rufino Tavares Ferreira (Tangerina). Os pensamentos de “PAI AMÉRICO” e a Doutrina, toca-nos no coração como se fora um tónico para avivar nossa sensibilidade na Vida.

Em São Paulo, após o Senhor ter chamado a Ana (20 anos) tivemos alguns problemas que é natural, porém, com a ajuda d'Ele temos conseguido chegar a bom termo de resolução.

Com. Manuel Teixeira

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

ENSAIOS — Nós, os Rapazes, começámos a ensaiar uma dança africana para representar no dia da nossa Obra. Somos 10 Rapazes e cada um representa o seu papel. O ensaiador chama-se Lupricínio. Esperamos que tudo corra bem para que os nossos Amigos gostem daquilo que nós vamos representar.

RAPAZES NOVOS — Vieram dois irmãos para a nossa Casa do Gaiato. Eles estão bem, com a companhia dos nossos «Batatinhas», porque são da mesma idade. Gostam de brincar um com o outro, assim gostei de os ver.

Estiveram a jogar futebol no campo pequeno, com outros Rapazes. Acho que eles vão ser jogadores a sério.

TIPOGRAFIA — Os nossos tipógrafos estão a fazer um livro que vai ser lançado no dia da nossa Obra. Tem o título de Padre Américo - Itinerário vocacional, escrito pelo nosso Padre Manuel Mendes. Os nossos Amigos vão ficar a conhecer melhor a vida do Pai Américo, principalmente antes de ter sido ordenado Padre.

HORTA — O João andou a plantar tomateiros, couves, pimentos, cebolo,

e outras plantas da horta. Depois disso, anda a regar e a tirar as ervas daninhas. Há muito trabalho a fazer na horta para que tenhamos estes alimentos na nossa mesa. Também na estufa semeou alface e cebolo que depois irá transplantar para a horta.

MATA — O Paulo «Mudo» e alguns dos nossos Rapazes, têm andado a limpar os caminhos da nossa mata. Quando os Rapazes vão correr à mata precisam que os caminhos estejam desimpedidos, se não podem-se aleijar. Estando tudo limpinho fica a mata mais bonita. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

VISITANTES — Quando é possível, acolhemos visitas de grupos amigos. Assim, recebemos alunos e alunas do Agrupamento de Escolas de Gouveia, a 30 de Maio, com a sua partilha. No Sábado, foi a vez de um grupo de amigos fotógrafos que nos trouxeram parte do almoço e bens alimentares e um belo quadro da Sé Velha de Coimbra. No Domingo, 1 de Junho, de tarde estiveram connosco crianças e adolescentes da Cumieira (Penela), que trouxeram alimentos de uma campanha na Paróquia. Já agora, a 25 de Maio, alguns Rapazes foram à Paróquia de Penacova participar na Missa das 10.00h, pois os jovens estão

a fazer uma campanha para nós. Por estes gestos de tanta amizade, o nosso bem-hajam!

REUNIÃO DOS PADRES DA RUA — No dia 13 de Maio, na nossa Casa do Gaiato, reuniram os Padres da nossa Obra, de Norte ao Sul e ainda o Sr. Padre Rafael. Depois dos assuntos tratados, concelebraram a Eucaristia e partiram jantados para suas Casas. Saúde para todos!

ENCONTRO DE 19 DE JULHO — Está programado, e bem, para o Porto, nesse dia, na Casa Diocesana de

Vilar, um Encontro da nossa Obra da Rua sobre o nosso Pai Américo, com a presença das várias Casas e amigos e amigas. Que seja um dia de reforço da amizade entre todos e também para despertar vocações!

AGROPECUÁRIA — Ao aproximar-se o Verão e devido ao calor, teve de se começar a cortar as ervas daninhas debaixo das árvores nos socacos da nossa quinta, desde o ovil até à encosta em frente à rotunda Padre Américo. Os relvados dos jardins foram também cortados. O batatal, na *terra dos grilos*, foi tratado. As ovelhas estavam a precisar e foram tosquiadas. □

UMA VISITA...

Manuel Pinto

São 70 anos de gaiato que, querendo Deus, farei a 27 de Agosto. Foi em 1944, a tarde ia a meio quando subi a escadaria da que fora Casa Pia, onde a Obra funcionou no seu início e enquanto se construía a Aldeia da Casa do Gaiato. Ia ao encontro de Pai Américo, a fim de lhe relatar o meu viver e a minha estada num colégio, onde fiz a instrução primária. Falámos, e depois de ser aceite, fui entregue ao maioral. Cortei o cabelo, tomei banho e vesti roupa lavada. E já como gaiato entrei neste *Santuário de Almas*. Fazendo parte desta grande família que é a Obra da Rua, resolvi fazer uma “visita” pelos cantos e recantos desta nossa Aldeia, que é a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

A história dos primeiros tempos já foi aqui relatada, em crónicas anteriores. Vamos então à visita:

Subindo a frondosa avenida que tem o nome do ministro Duarte Pacheco, homem que confiou em Pai Américo e no seu sonho. Logo à direita fica a casa da lavoura e, mais abaixo, a vacaria. Do lado oposto, a casa da eira.

Subindo, temos o balneário e, como não podia faltar, o campo de futebol. Em frente, o pomar cheio de árvores fruteiras. Depois, a chamada casa 1, a primeira a ser construída e que foi dos mais velhos. Logo a seguir, as antigas oficinas, que são armazém para guarda de materiais e depósito de bens com destino às Casas de África. Mais acima, temos as Escolas, hoje desactivadas, e o salão de festas. Ao centro da Aldeia: a Capela. Daqui se espalha para todos a mesma doutrina de sempre: Paz, Caridade e Amor.

Temos, a seguir, a Casa-Mãe, edifício grandioso e sala de visitas. Na parte de baixo, fica a cozinha, copa, refeitório, despensas, etc.. Em cima, quartos das Senhoras e dos mais pequeninos. Quarto que foi de Pai Américo, transformado em pequena capela, sala de S. Vicente de Paulo e escritórios. A seguir, vem o hospital; em cima, duas enfermarias e alguns quartos. Em baixo, de uma lado, consultório médico; do outro, rouparia.

Ao alto, temos o depósito da água

que abastece a Aldeia e que vem do monte de Calvos. Já em baixo, temos o bar e sala de jogos, que depois de restaurado ficou um amor. Lá atrás e mais além, os *campos novos*. As casas de habitação 3 e 4 foram restauradas e ficaram graciosas e acolhedoras. Em todas elas há aquecimento, água quente e fria e excelentes sanitários. Falta a casa 2 para o mesmo efeito. Na cave da casa 4 funciona a Biblioteca, muito bem composta e com milhares de livros. Temos ainda a piscina, que nesta época é alegria de miúdos e graúdos. Há adega, lavandaria e as novas oficinas, com destaque para a tipografia e serviços administrativos. Mais longe, há vinhedos, campos e *casa da mata*. Aqui se refugiava Pai Américo, para escrever e descansar.

Chegámos ao fim de visita. Resta-me acrescentar, em tom poético, que em toda ela fui acompanhado pela passada e o seu constante chilrear!

... E já com o entardecer da vida acontecendo, peço ao Senhor que ele seja calmo e feliz! E até sempre, amigos. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«**PAI, QUERO QUE ONDE EU ESTIVER ESTEJAM TAMBÉM COMIGO AQUELES QUE TU ME CONFIASTE**» (João, 17, 24) — Estávamos na correria quotidiana, pobres em tempo para escrever esta crónica, quando paramos no Evangelho do dia que é a belíssima Oração Sarcedotal. Como acontece sempre nestas coisas, nada de mais apropriado para reflectirmos sobre o que estávamos a fazer e que devemos fazer. Nessa oração Jesus pede ao Pai por aqueles que Ele lhe confiou. É um hino belíssimo ao cuidado que devemos para com todos aqueles que Deus nos confiou. Deus confiou-nos a nossa família, os nossos amigos,

os nossos colegas de trabalho, as pessoas que vamos encontrando no nosso caminho, ao longo da nossa vida toda, enfim, Deus confiou-nos o nosso próximo. Por isso, teremos que lhe dar conta do que fizemos como esse nosso próximo.

Já sabemos todos isto. O ponto que queríamos aqui referir tem que ver com o aspecto deste cuidado para com o nosso próximo, que está a ocorrer nestes tempos de crise. Tempos destes são momentos definidores. São definidores porque testam mais do que noutras alturas quem é capaz de ir até ao fim da linha neste cuidado devido ao seu próximo. Quando os tempos são fáceis,

quando há dinheiro para distribuir na Conferência e outras situações do género, também é fácil ser-se simpático e generoso para com as outras pessoas. Quando a situação se torna difícil, há pessoas que saltam fora do barco para irem cuidar da sua vidinha, em vez de congregarem esforços com outros e, assim, todos juntos, conseguirem superar as dificuldades.

Que sejamos capazes de levar a nossa vida de maneira a que, no seu termo, possamos rezar como Jesus rezou ao Pai na Oração Sacerdotal: «Guardai-os e nenhum deles se perdeu, a não ser o homem da perdição.» □

SETÚBAL

Padre Acílio



Baptismos

NO Domingo da Ascensão, baptizámos o Vanílio e o João Mango. Havia mais dois preparados pelas catequistas, mas as famílias aconselharam-nos a evitar o baptismo, por serem muçulmanas.

Damos a todos os Rapazes uma educação cristã e uma sólida formação religiosa, mas não forçamos ninguém; entregamos ao Espírito Santo a graça de os iluminar e convencer.

O Baptismo é a origem e fonte da maior riqueza que lhes podemos transmitir. N'Ele se tornam Filhos de Deus por adopção e como tais, herdeiros da glória eterna de Jesus. N'Ele encontram a graça para nunca se desviarem do **caminho**, buscarem sem desfalecimento a **verdade** e encontrarem sempre, sem contágio da ilusão mundana, a **vida** verdadeira.

O Baptismo, como a raiz da fé, será a pedra angular onde construirão toda a sua vida, na fide-

idade ininterrupta a Jesus Cristo e à Sua Igreja.

Os Rapazes prepararam a festa com arte e sacrifício.

Pela primeira vez, os cânticos foram acompanhados, não só pelo órgão, pelas violas e bateria, mas também pelo trompete e o saxofone barítono do Assana. Santiago, por ser obrigado ao estágio profissional, não pôde colaborar com o seu trompete, mas o Igor substituiu-o muito bem e sem qualquer fífia, após esforçado e meritório treino.

Pedimos ao Senhor que faça, seus inabaláveis Fiéis, os novos baptizados.

Banda

A nossa Banda foi convidada para jantar com a direcção da *Auto-Europa* na sede da Humanitária de Palmela e servir, a estes nossos amigos, uma sobre-mesa de música!

Como me agradam convites desta natureza!...

Os Rapazes sentem e saboreiam o estímulo, não só da mesa, mas também do ambiente e da exigência digna dos convivas.

Saber estar à mesa e comportar-se à vontade e sem complexos, com pessoas de fora, aumentam o sentido da sua dignidade e ajuda-os a ultrapassar embaraços próprios da sua idade e condição.

Entre as muitas boas obras que já devemos à *Auto-Europa*, esta é mais uma a acrescentar.

A Banda voltou, de novo, ao Jumbo de Setúbal, às 17 horas do Dia Mundial da Criança.

O convite partiu da direcção da loja que nos trata sempre com inesgotável carinho — e muitos clientes pararam também as suas compras, para escutar e aplaudir os nossos Rapazes.

A Casa do Gaiato tem necessidade urgente de aparecer nestes novos ambientes e de surpreender, de novo, o público.

O Jumbo, dada a sua vasta e selecta clientela, é um bom palco para nos apresentarmos.

Seminário Diocesano

ALGUNS seminaristas do Seminário de Almada vieram passar connosco um Domingo, acompanhados de um Padre Formador, que celebrou connosco a Santa Missa.

Alegrou-nos muito esta tentativa de comunhão.

A Obra da Rua destina a sua acção e o seu apostolado aos mais pobres dos homens, a quem o Papa Francisco chama as periferias da humanidade.

É bom que os futuros sacerdotes: jovens chamados a um ideal heróico, se aproximem dos pobres, se dispam de quaisquer preconceitos de importância humana ou social e se cubram com a capa de Jesus, que elegeu

UMA AURORA BOREAL

Padre João

O que está acontecer na Igreja é uma verdadeira Primavera, escreveu alguém nas redes sociais; uma aurora boreal, digo eu. Quando, em pequenito, nascido no seio de uma família católica, habituada a interpretar a realidade envolvente, a mais simples, à luz do transcendente, lembro-me que à morte de Pio XII se teria instalado, por aqueles dias, a ideia do aparecimento de fenómenos extraordinários tais como o aparecimento de uma aurora boreal, como sinal do Céu — tal era a projecção do pontífice nos meios católicos. Seria isto o desejo universal da renovação da Igreja, tão desejada, no seu corpo como na sua cabeça? Decerto.

Nomes como os dos Padres Chenu, Lagrange, Henri de Lubac, Teilhard Chardin, K. Rhaner e tantos outros já desaparecidos, formariam uma constelação nesta órbita de renovação que João XXIII consignou com a

convocação do Concílio Vaticano II — uma aurora boreal. Para a Igreja inteira e para o mundo todo. Grandes alicerces da renovação conciliar foram — quais clarões de luz na escuridão.

Mas a verdade inteira estava escondida no caminho de humildade e apagamento, incompreensão até, que muitos deles tiveram de percorrer. O suporte de tal mudança escondia-se também no dia-a-dia orante de tantos mosteiros e ordens de vida contemplativa. Na fé, sem grandes cogitações, de muitas comunidades disseminadas por cidades e campos, no louvor perene à Santíssima Eucaristia e na prática da Caridade, nas Obras de Misericórdia — mais fermento a levedar. João XXIII, Paulo VI, João Paulo II e agora O Papa Francisco são clarões imortais desta aurora.

Hoje, celebrando, a memória de S. Carlos Lwanga e seus compa-

nheiros mártires, olhamos essa dimensão missionária da Igreja «que sofre». Canonizados por Paulo VI no já longínquo 1964 em Kampala, Uganda, olhamos nos seus rostos negros, a face da Igreja Santa, Católica e Apostólica; Igreja universal, reunida no Espírito Santo que não conhece raça nem tem cor. Nos rostos, de “um negro”, fino e nobre, dos Vanílio Tchuda e do João Mango, no Domingo passado, baptizados, essa percepção, era absoluta.

Não deixamos de constatar quão verdade é o que afirmava Tertuliano no séc. III: «sangue de mártires é semente de cristãos...». Tão verdade ontem como hoje, na Argélia ou na Síria ou noutras latitudes escondidas deste nosso mundo em dor e sofrimento; sinais da mesma aurora boreal, carregados de sangue e de esperança; “condimentos” para uma renovação autêntica no Espírito Santo, da Igreja e do Mundo. □

a pobreza como seu berço, modo de vida, posição social e se apresentou como apóstolo dos pobres. O desprendimento do mundo foi o seu maior e mais apologetico sinal.

Os gaiatos enriquecem-se e clarificam a sua fé com a familiaridade dos seminaristas: rapazes como eles, decididos a dar a sua vida à missão profética e à Pessoa de Jesus Cristo.

Apresentado à comunidade o convite do seminário para irmos,

também nós, visitá-los, não foram muitos de mais conscientes que manifestaram o desejo de corresponder. Foram onze: adolescentes, jovens e um adulto.

Pelo que li e vou sabendo do Papa Francisco, a Obra da Rua está no seu ideal. É rico que os futuros padres conheçam esta Escola. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Maio, 25.167 exemplares

SINAIS

Padre Telmo

Notas do passado

TENHO bem viva a imagem da família africana, onde os filhos são desejados e queridos. Nunca são um fardo; mas um bem que vem de Deus, um amor que ultrapassa tudo.

Um dia, numa povoação muito longe, fui recebido num lar africano. A mãe tinha dado à luz, um dia antes, o décimo primeiro filho. Este, ao peito; o seguinte, nos joelhos; longo outro, agarrado à saia. Uma escada com onze degraus bem juntinhos. Deu-me ideia dum presépio — porque todos os olhares cravados no mais pequenino. O menino-rei-senhor que veio e encontrou amor.

Que contraste com um nojo da nossa civilização onde, tantas vezes, a barriga da mãe não traz alegria — mais preocupação e fastio!

Nós dizemos que é falta de espaço, futuro incerto, mais um que vai precisar de emprego e casa. Como donos, queremos resolver tudo: casa, emprego, construção da cidade — como se aqui fosse a nossa pátria. O Evangelho dos lírios do campo não nos diz nada... Queremos ser nós a possuir, a gozar todas as coisas, a ditar todas as leis. Agarramos os filhos como nossa propriedade e prendemo-los a este mundo, em vez de os projectarmos na Eternidade.

* * *

Ainda outro pensamento, nestas notas, me foi sugerido pela pressa de uns tios que quiseram despachar quatro sobrinhos, na nossa Casa do Porto, órfãos por um desastre dos pais. Despachar é o termo.

«Não temos lugar» — disseram. Têm lugar e haveres. Falta o amor. Ou, antes, o filho único implantou um muro de egoísmo que impede a visão dos espaços e de Deus.

Em África, quando acontece morrerem os pais, o tio materno mais velho toma os filhos e leva-os para a sua casa — sem problemas e com a maior simplicidade. Torna-se o pai das crianças. Conheço famílias de 10, 15 e 20. Nunca vi qualquer diferença no tratamento dado a filhos e sobrinhos por parte dos pais. Não passam fome nem andam nus por serem muitos.

Deus veste os lírios!
Homens de pouca fé!

«O Gaiato», 1003

IN MEMORIAM

Padre Manuel Mendes

D. Eurico Dias Nogueira

NUM cantinho do *Famoso*, em ligação com a nossa herança espiritual, não podemos deixar de registar, com toda a justiça e grata lembrança, alguns sinais singelos do Sr. Arcebispo Emérito de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, que partiu a 19 de Maio de 2014, aos 91 anos.

Enquanto Promotor de Justiça, na Diocese de Coimbra, depois da *páscoa de Pai Américo*, deu a conhecer no jornal *Novidades* (Lisboa), a 25 de Julho de 1956, escritos significativos que intitulou “O Segredo de uma vida (Documentos para a Biografia do Padre Américo)”; transcritos, depois, no jornal *O Gaiato* e nos jornais diocesanos *Correio de Coimbra* e *A Voz do Pastor* (Porto).

Pudemos ver, também, um postal com a imagem do Papa Paulo VI para Padre Horácio Francisco, enviado da *Cidade do Vaticano*, a 16-X-1964, do seguinte teor: *De Roma e do Concílio, com um abraço, a amizade do Eurico Nogueira (Bispo de Vila Cabral)*. Esteve, pois, presente no II Concílio do Vaticano, o grande acontecimento eclesial do século XX, que o marcou e no qual se lembrou da Obra da Rua.

Certo dia, vimo-lo em Paço de Sousa, na Casa do Gaiato, em visita de amizade, discreta. E tivemos, ainda, oportunidade de o encontrar, simples e orante, no Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo, de Braga, quando aí fomos ajudar a dar testemunho aos seminaristas maiores do Padre Américo como modelo sacerdotal e pai dos pobres. Concedeu uma entrevista (em 2012) ao Dr. Henrique Pereira, sobre a figura do Padre Américo, no jornal diocesano de Coimbra.

Requiescat in pace!

BENGUELA

Padre Manuel António

Dia Internacional da Criança

ESTOU a escrever, no dia 1 de Junho, Dia Internacional da Criança. Um grupo dos mais pequeninos foi participar numa actividade, organizada oficialmente, com o Lema: «*Proteger a Criança é preparar o amanhã*». Sem dúvida, a criança é o coração da sociedade. O Pai, a Mãe, a Família estão vivos em cada criança. Por isso, a sociedade será tanto mais saudável, quanto mais amor dedicar às crianças. Os primeiros responsáveis são os pais. Os filhos têm o direito natural a nascer, crescer, numa família, animados pelo amor do pai e o carinho da mãe. Deste modo, estão criadas as condições básicas para o seu desenvolvimento equilibrado. Infelizmente, uma multidão de crianças não gozam deste direito natural. São vítimas inocentes do abandono da parte dos pais. Por isso, neste dia dedicado internacionalmente à criança, é fundamental a chamada da atenção a todas as forças vivas da sociedade, civis e religiosas, para que os direitos naturais das crianças sejam respeitados. É a vida do corpo social que está em causa. A alma deste compromisso está no amor. Quem dera não houvesse um filho, não houvesse uma criança, sem amor verdadeiro da parte dos pais e da sociedade!

A nossa Casa do Gaiato, como todas as Casas do Gaiato, vivem esta experiência maravilhosa de amarem os filhos abandonados. Aliás, um dos problemas sociais muito graves é o abandono dos filhos da parte dos pais. As

crianças são portadoras duma riqueza humana muito grande. Necessitam de quem as ajude a pôr a render o tesouro escondido nos seus corações. É o serviço da educação. Ajudar cada criança a ser um homem ou uma mulher deve ser o lema do educador. Por isso, todo o responsável pela educação deve ter um coração de pai e de mãe, com muito amor. Porque não é uma tarefa fácil e exige um acompanhamento regular do educando, com muita paciência e perseverança, há a demissão de muitos pais e educadores, no exercício da sua missão.

Ontem, um pai veio falar-me do seu filho, em quem encontrava muitos defeitos. O que se passava? O homem separou-se da mulher. O filho ficou com a mãe e tornou-se insuportável. A Casa do Gaiato seria o remédio, na maneira de pensar do homem e da mulher! Onde estão os primeiros e verdadeiros culpados, na base desta situação? Os pais. O filho é mais vítima do que réu. Assim acontece com uma multidão de crianças. No Dia Internacional da Criança olhemos com muito amor para todas as crianças. Ficamos maravilhados, quando vemos, no presente, a vida de muitos filhos, que passaram pela nossa Casa do Gaiato de Benguela, no exercício de pais exemplares, que vêem nos filhos a colheita do seu amor familiar autêntico. Que seria deles se não tivessem encontrado a Casa de família que os amou? Sem dúvida, «*Proteger a Criança é preparar o amanhã*».

A Casa do Gaiato quer ser uma família participativa. Não há criados. Somos servos uns dos outros. Esta é a escola que os pais e educadores devemos frequentar. Cada um serve no lugar que lhe pertence. O pai no lugar de pai. A mãe no lugar da mãe. Os filhos no lugar de filhos. Quem dera que o título mais nobre dentro da família seja o de servo. Deste modo, todos são responsáveis. Na família humana que é a sociedade, vamos amar todas as crianças como filhos muito queridos. Servir até dar a vida, significada naquilo que temos e somos, dentro das possibilidades de cada um. Procuremos dar toda a ajuda que pudermos a quem muito necessita.

Queremos agradecer como uma bênção extraordinária, o donativo que o nosso querido e bom amigo Fernando Oliveira fez à nossa Casa do Gaiato de Benguela. Deste modo, foi possível a solução dalguns problemas graves que nos afligiam, durante o mês de Maio. Já foi consumido. A confiança gerada por este acto de amor vem alimentar a esperança de que outros corações das empresas, dos particulares com as possibilidades que tiverem, venham em ajuda da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Queremos ser unicamente a Casa de Família dos filhos sem família, em abundância sempre crescente. Os pobres, mais pobres, sem condições de vida com dignidade, batem constantemente à nossa porta. Quem dera seja também a porta do vosso coração!

Em representação de todas as crianças do mundo inteiro, lembradas no dia 1 de Junho, recebi um beijinho dos filhos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela. Estamos sempre à vossa espera! □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

HÁ coisas em que não dá para acreditar. A que pode levar um jovem, no delírio inebriante da bebida, sob o efeito alucinante da droga, mas largado pelos pais ao cuidado da que chama avó, de 76 anos, para a maltratar e abusar sexualmente, a ponto de a deixar quase morta. Aquela outra criança, de doze anos, entregue à avó, que a acusou de lhe roubar cem meticais, que bebe petróleo e encharca o corpo todo, chega lume e levada à pressa ao Hospital Central, toda queimada, sem poder já respirar, expira sem que lhe possam valer. São dois casos desta semana que contou o nosso Luís, ali em estágio de cuidados urgentes. E toda a semana há casos graves de queimados semelhantes, diz ele. Serão sinais alarmantes de uma sociedade alienada, esta em que vivemos?!

A que ponto a lei, que protege os Direitos da Criança, deixando de lado os deveres exclusivos dos pais, uns infelizes sem culpa e ela por outro indefesa, em litígio

com a lei. Sem dúvida que as leis são feitas pelos adultos e, por isso, funcionam mal e erram no alvo. Apanham-se em fiscalização apertada os traficantes de droga, de dinheiro, mas escapam as redes internacionais da droga, as de seres humanos para a escravatura moderna. Aqui o termo é ridículo. Debatem-se em referendo, em Assembleias nacionais, as minúcias dos orçamentos públicos sem ter em conta os sacrifícios desumanos implicados. Fazem-se as maiores apreensões de droga de toda espécie, mais em tudo isso há escapatórias descontroladas. Parece que o ser humano não foi criado para leis de comportamento social. Onde está Deus? É uma pergunta que ninguém se faz, senão para pedir justiça ou excluir a Sua existência. Se assim fosse restaria o abismo. Mas onde está o homem sem Deus? E sem Deus, nada dá certo. Deveríamos chegar a Deus pelo homem, criado à Sua imagem, até descobri-l'O. Descobri-l'O no homem que sofre, na criança que

sofre, nas guerras de que não tem culpa, da fome de que não tem culpa, dos desastres ambientais de que não tem culpa, das ambições desmedidas de que não tem culpa, das mutilações de todo tipo e de que não tem culpa, das aberrações sexuais de religiosos, e não só, de que não tem culpa, dos malefícios de toda a espécie de que não tem culpa.

Aspirar à liberdade, mãe da paz, aspirar à segurança que dela vem, à felicidade perene de um homem novo. Como de um homem novo? Impossível sem Fé. Fé que é «o único fundamento firme das coisas que se esperam e demonstração das que não se vêem», porque o homem dotado da mais penetrante inteligência, por si não se pode realizar. Sem Deus não há Fé nem Esperança. Nada. Desculpem-me os Leitores não ter a ténpera literária de um Vieira, a prosa de um Camilo, menos ainda a mordacidade de um Eça ou a profundidade poética de um Pessoa. Não sei como dizer e só digo o que sei. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Ora bem, o dito garoto tem assumido duas tarefas caseiras de serviço à comunidade que o promove e poderá tornar mais ágil um dia, na sua autonomia. Não há quem o bata no despacho de *casar meias* e, ultimamente, tem de limpar a cozinha à noite, pois os mais pequenos precisam mesmo de uma mãe que os deite nos seus ninhos, lavadinhos e calminhos, o que não é imediato.

Todo o ser humano foi criado *bom* e toda a vida há-de ser um itinerário de ascensão humana, se o Eu pessoal e as circunstâncias ajudarem. Tudo começa nos braços materno e paterno, porque se menospreza o investimento ético e socioeconómico no modelo natural e se despreza a família de Nazaré? Carlos de Foucauld dizia: *Voltemos ao Evangelho*. No contexto social ocidental que vivemos, há uma *anorexia de valores absolutos* e uma *bulimia do efémero*. Na quebra de valores sirva-nos de alerta doloroso a cifra (oficial) de nascituros que não viram a luz do dia, no País vizinho (de 1985 a 2012): 1 805 576... Neste Continente descontrado de uma matriz de amor à vida e à família, mesmo com situações atenuantes, parece-nos que o direito à vida humana tem sido sobreposto por alguma *boa vida* e injustiças. Medidas corajosas de protecção da maternidade e paternidade, e de conciliação da vida laboral e familiar dariam frutos benéficos e duradouros no tecido social. Um certo laicismo (desacreditando a voz da Igreja) vai impedindo também uma mentalidade de desenvolvimento social equilibrado. A imersão na realidade social levamos a sublinhar que, diante de sinais visíveis de neoplasia familiar e social, não se pode passar ao largo. Ao escutarmos as pessoas que padecem de solidão e abandono, chorando com elas, podemos tentar sempre rasgar alguma luzinha ao fundo do túnel, que a Luz é forte!

O tal rapazito ia bem atento a olhar para o caminho de tal modo que encontrou um lindo ninho. Tantos ninhos vazios e caídos são sinais de tempos difíceis, mas que podem e devem ser de mudança e de esperança! Disse aos miúdos, naquela hora, que não valia ir aos ninhos... Entretanto, verifiquei que um magote deles estava mesmo preocupado com dois passarinhos (*bebés*, segundo disseram) a tentar esvoaçar, fugindo dos gatos, caídos de um ninho, à procura da sua *mãe*... E os pequenos salvaram-nos! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

O interior da casa é espaçoso. Tem quatro quartos, todos com janelas ainda inteiras, embora com portas arrombadas e sem fecho. O pavimento coberto de uma densa poeira, deixava transparecer manchas grossas de cola abundante dos tacos perdidos.

Tinha comigo o contacto da inquilina e liguei-lhe.

Ela estava na casa da vizinha a preparar umas papas de bolacha para a bebé e apresentou-se imediatamente. A solidariedade dos pobres é, por vezes, admirável. Como não tem fogão, passa boa parte do tempo a preparar a comida em casa da vizinha.

Os filhos brincam na rua ou vão para a escola e, à noite, dormem no chão, nos ditos cobertores enrolados que eu vira ao entrar.

— *Mas este chão não devia estar limpo? Vocês aqui a dormir com tanta poeira?!... Isto dá cabo da saúde!*

A resposta saiu espontaneamente, mas não me convenceu: — *Nem sequer tenho uma vassoura.*

Dei-lhe vinte euros para comprar um balde, uma esfregona, uma vassoura e detergente.

Revelou-me conhecer um ladrilhador que lhe colocaria o chão e os azulejos da cozinha por 600 euros.

Fomos então a um armazém comprar 124m² de tijoleira, cimento cola e betume. Adiantei 150 euros ao ladrilhador, comprometendo-me a pagar o resto após o serviço bem feito e por mim examinado.

Terei de comprar um fogão, um esquentador e um frigorífico. A mobília há-de aparecer. — *Não tens por aí uma cama de casal ou mais, para que os filhos e as filhas durmam juntos em cada quarto?* Quantas mobílias, ainda boas, apodrecem nos sótãos, nas garagens e outras arruações, à espera não sei de quê?!...

Falta-me sim uma equipa cristã, inundada pelo Espírito Santo, que os visite, os vigie, lhes transmita a dignidade e a fé e neles descubra a presença escondida de Jesus, e n'Ele se alimente, como insinua sem cessar o Papa Francisco. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Parece que o dinheiro é que conta, nas obras e doutrinas sociais, e sem ele, realmente pouco se faz; mas só com ele — *nada*. Os pequeninos mestres de hoje, como outrora Nicodemos, ensinam, mas não sabem. Aquele *bem-haja pela esmola que me faz à alma*, é o triunfo de todas as esmolos sociais da Igreja, que assentam na Pobreza do Evangelho: — *não queiras duas túnica*s.

in *Pão dos Pobres*, vol. III, p 242-243